

Boletim Adventista

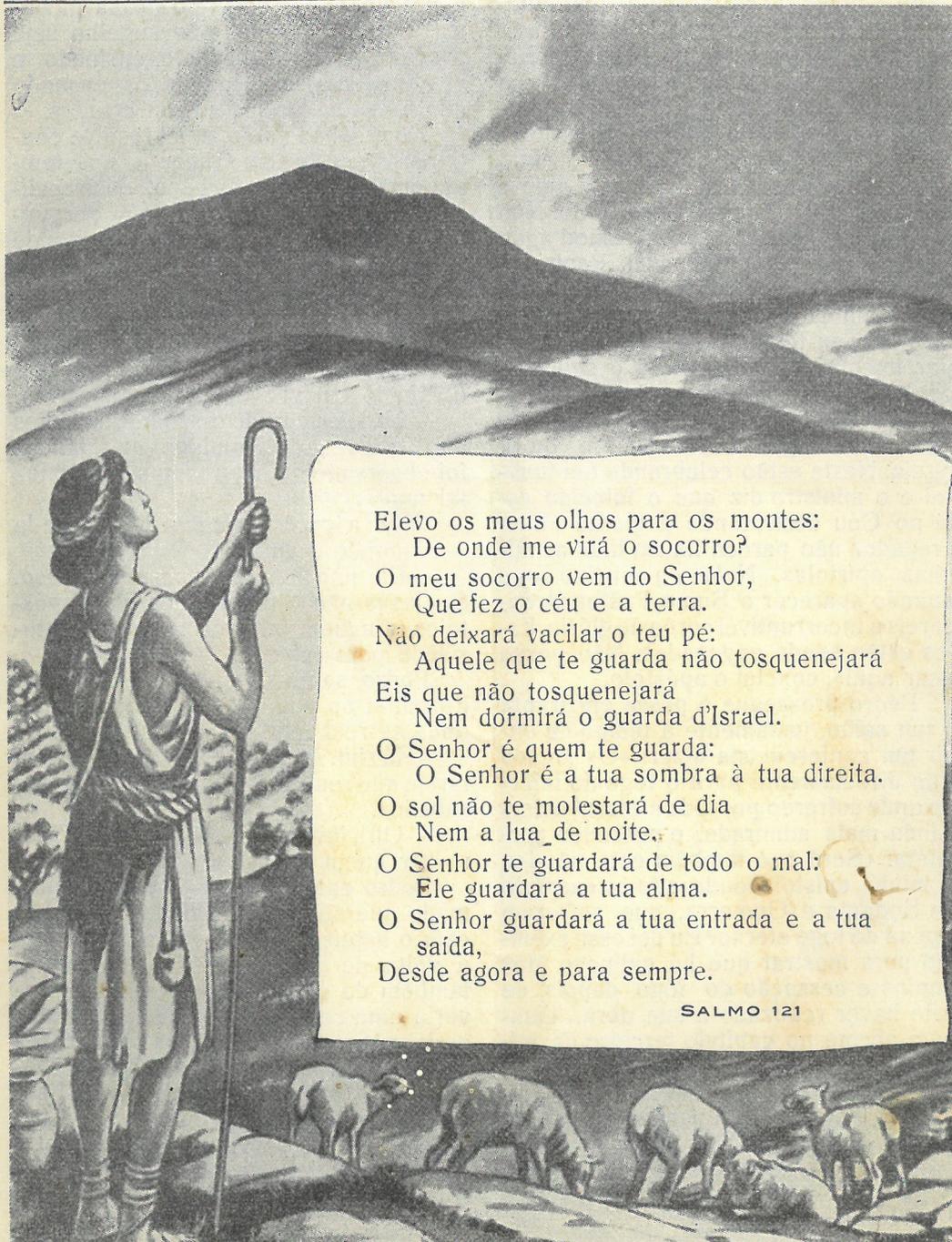
Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 34

Outubro de 1965



Elevo os meus olhos para os montes:
De onde me virá o socorro?
O meu socorro vem do Senhor,
Que fez o céu e a terra.
Não deixará vacilar o teu pé:
Aquele que te guarda não tosquenejará
Eis que não tosquenejará
Nem dormirá o guarda d'Israel.
O Senhor é quem te guarda:
O Senhor é a tua sombra à tua direita.
O sol não te molestará de dia
Nem a lua de noite.
O Senhor te guardará de todo o mal:
Ele guardará a tua alma.
O Senhor guardará a tua entrada e a tua
saída,
Desde agora e para sempre.

SALMO 121

Que Igreja Escolheria o Apóstolo Pedro se Ressuscitasse Hoje?

por H. M. S. Richards

Imaginemos que o apóstolo Pedro haja ressuscitado hoje. O idoso discípulo do Senhor sai em busca de uma igreja, onde possa adorar. Entra numa delas e a primeira coisa que vê é um homem de vestes brancas ao pé de um casal com uma criança. O ministro derrama água sobre a cabeça da criança e diz: «Eu te baptizo . . .». Pedro, muito admirado, volta-se para o seu guia e observa: «Ele não está baptizando. Não disse a verdade. Apenas derramou água sobre a cabeça da criança!». Replica o guia: «É assim que se baptiza hoje!»

Saiem e o apóstolo esclarece o guia que em seu tempo o baptismo era feito por imersão. Manifestando o seu descontentamento pela alteração sofrida pelo sacramento do baptismo, o apóstolo Pedro prossegue em busca de outra igreja. Nesta estão celebrando um funeral e o ministro diz que o falecido está no Céu desfrutando a glória. «Este pregador não parece haver lido as minhas epístolas. Nela eu ensino que quando aparecer o Sumo Pastor alcançarei a incorruptível corôa de glória. Estes estão sendo enganados. Não posso ficar aqui», conclui o apóstolo.

Pedro prossegue e passa em frente a um salão, justamente a tempo de ouvir um conferencista dizer: «Os ímpios irão directamente para o fogo do inferno onde sofrerão por toda a eternidade.» Ainda mais admirado, o pescador pergunta: «Será que também este não leu a minha epístola onde cito o exemplo de Sodoma e Gomorra, que sofreram a pena do fogo eterno? Eu dei esse exemplo para mostrar que há extinção dos ímpios e cessação do fogo depois de este haver realizado a sua obra. Também afirmo no capítulo terceiro da minha segunda epístola, no versículo 7, que os ímpios 'se reservam como tesouros, e se guardam para o dia do juízo'. E Pedro retira-se triste.

Depois de haver visitado igrejas on-

de se pregava o modernismo e se negavam factos bíblicos como o dilúvio, a criação, etc., o apóstolo anseia encontrar uma igreja onde o evangelho seja pregado como foi por ele ensinado e vivido. Sente-se desanimado, pensando que todas as igrejas andam erradas.

Num sábado de manhã, resolve continuar a sua busca. Chega a um templo mas encontra-o fechado. «Não realizam aqui serviços religiosos?» pergunta ao guia? «Sim, realizam,» responde o guia, «mas não hoje.»

— E por que não hoje, se é o sétimo dia da semana?

— Oh! O Senhor deve ser um desses adventistas do sétimo dia, que guardam o sábado em vez do domingo, não é?

— Não. Eu guardo o sábado, sim, mas não em vez do domingo que jamais foi observado em meu tempo. Quem fez tal mudança?

— Foi a igreja que achou justo fazê-la — responde o guia.

— Ela não tem poder para fazer isso. Se Jesus não o fez nem os Seus apóstolos, ninguém mais na terra tem autoridade para tanto!

Pedro sente-se quase desanimado. Pergunta ao guia se não há um lugar onde se realizem cultos ao sábado.

— Há sim. Ali naquela esquina há uma igreja que realiza serviços religiosos aos sábados.

— Oh!, leve-me até lá por favor. Quero ver quem são eles.

Pedro entra naquela igreja. É informado que ali guardam o sábado, praticam o baptismo por imersão, aguardam a volta de Jesus, etc. Informaram-no também de que naquele mesmo dia haveria uma cerimónia baptismal. Pedro assiste à cerimónia com os olhos rasos de lágrimas. Ela faz-lhe lembrar o baptismo do próprio Jesus, quando Este desceu às águas do Jordão.

Na verdade, se o apóstolo Pedro ressuscitasse hoje, encontraria uma igreja

O Sentimento de Culpa

por Artur L. Bietz

O sentimento de culpa deprime, tortura, origina insónias e existência insuportável. De todas as nossas muitas necessidades, a mais urgente é a de alívio do peso da culpa e da impressão de que, não importa quanto nos esforcemos, fracassaremos sempre. A maioria, dentro do nosso meio, deseja sinceramente viver uma vida piedosa e proceder correctamente. Entretanto, todos nós falhamos no cumprimento de nossas resoluções. Quando assim fracassamos, sentimo-nos atormentados pela culpa de termos atraído os nossos próprios ideais. Sofrimento algum é mais agudo do que o de termos conscientemente procedido mal.

Que dom inapreciável constitui uma consciência limpa! De facto é uma grande felicidade sentirmo-nos livres da hedionda depressão do pecado. Não posso acentuar demasiado ser essa a primeira necessidade do homem. E só há uma fonte que pode proporcionar esse dom maravilhoso. Só Deus, em Sua santidade, oferece perdão completo. Ele fá-lo mantendo intacta dentro do Seu coração a relação que o pecador interrompeu.

Não importa o que façamos, nosso Pai celestial, sempre pronto a perdoar, prefere considerar-nos Seus filhos. Mesmo através de mentiras, calúnias, furtos e crueldades, permanecemos filhos de Deus. Não importa quanto tenhamos conspurcado as nossas vidas, somos ainda filhos e filhas de Deus. Esta certeza é de primeiríssima importância para os que, dentre nós, desejam alívio do sentimento de culpa.

que guarda o sábado, pratica todos os preceitos do evangelho como no seu tempo e aguarda ansiosamente a volta de Jesus à terra.

Essa seria a religião de Pedro. Não quereis também aceitar a religião do mais idoso apóstolo de Jesus?

Isto, porém, não quer dizer que sejamos justificados em praticar o mal ou que possamos alegremente continuar a fazer o mal, crendo que, afinal de contas, Deus nos amará seja qual for o nosso procedimento. Isto seria presunção crassa. O arrependimento verdadeiro leva-nos a endireitar o mal feito e a abandoná-lo. Aquele que, na verdade, deseja libertar-se da tortura da culpa, está, certamente, ansioso por corrigir os seus erros. Esse desejo levou, em vários casos, muitos antigos alunos meus a escrever-me cartas pedindo desculpa por alguma desonestidade cometida nos exames, e isso anos depois do acto.

Não poderemos experimentar paz de espírito real antes que tenhamos endireitado aquilo em que sabemos ter errado. «Restituindo esse ímpio o penhor, pagando o furtado, andando nos estatutos da vida, e não praticando iniquidade, certamente viverá não morrerá.» (Ezeq. 33:15).

Nenhuma pureza ou perfeição da nossa parte nos torna merecedores da aceitação de Deus. Nenhum de nós merece o perdão. Se este nos fosse concedido em razão da nossa bondade, nenhum de nós teria qualquer oportunidade. A bendita nova do Evangelho, entretanto, é que o perdão é um dom gratuito. Sem merecê-lo, todo o ser humano pode receber de Deus aceitação plena e completa.

Por vezes as consequências de um mau acto continua-nos a causar dor, muito embora Deus já o tenha perdoado. Algum tempo atrás, um rapaz meu conhecido embriagou-se. A triste consequência desta sua falta foi um desastre de automóvel em que ele perdeu o braço esquerdo. O moço ficou profundamente pesaroso pelo mal que cometera. Nunca mais se embriagou. Apesar disso, ainda hoje sofre, pois, a manga esquerda do seu casaco continua vazia. Ele fez uma má escolha e esta exigiu-lhe um preço muito pesado, mesmo de-

dois de Deus lhe haver perdoado. Contudo Deus não pode ser incriminado. Através de toda essa amarga experiência do jovem, Deus continuou a ser amor e concedeu-lhe o perdão como dom gratuito.

A grande maioria das pessoas não tem boa vontade para receber como um dom o perdão e a aceitação por parte de Deus. Parece que muitos preferem ser torturados até ao desespero pelo sentimento de culpa. Muitos há que se consomem, rejeitando-se e acusando-se a si mesmos, esquecidos de que Deus perdoa.

Por que razão amava Pedro a Jesus? Só havia uma razão válida. Pedro amava o Seu Mestre porque Este estava sempre pronto a perdoar as faltas desse homem imperfeito, muito antes de ele apresentar qualquer mostra de perfeição. Toda a vez que ele caía, Cristo já lhe havia perdoado. A pergunta (Amas-me) só foi feita a Pedro depois de ele experimentar o perdão de Deus — depois de saber que Deus o aceitara apesar do seu mau gênio, do seu espírito de crítica, do seu blasfemar e da sua covarde traição. Também nós, até que nos sintamos perdoados nas mesmas condições de Pedro, continuaremos a sofrer do sentimento de culpa.

Há pais que dizem ao filho: «Se te portares bem gostarei muito de ti», ou «Se fizeres isso bem feito serás uma linda menina». Estas atitudes não são mais do que uma rejeição disfarçada da criança. Tem-se verificado muitas e muitas vezes que as crianças que se sentem amadas e aceitas pelos pais, se tornam as mais felizes, vindo a ser os melhores cidadãos do país. Aquelas, porém, que cresceram num ambiente de aceitação condicional ou de completa rejeição, ou ainda de desconfiança, quando adultos tornam-se em pessoas cheias de ódio, de hostilidade e desajustamento.

Oh, sim, podemos julgar os nossos jovens, podemos acusá-los e podemos dizer-lhes que não prestam até que eles mergulhem num sentimento de culpa e percam a confiança. É isso, porém, o que devemos fazer? Não seria melhor animá-los, dizendo-lhes que, com a aju-

da de Deus, poderão proceder melhor?

Ellen G. White dá-nos essa certeza: «Julgam alguns que têm de submeter-se à prova e demonstrar primeiro ao Senhor que estão reformados, antes de poder reclamar Sua benção. Mas podem reclamar a benção de Deus neste mesmo momento. Necessitam de Sua graça, do Espírito de Cristo, para os ajudar em suas fraquezas; de contrário, não poderão resistir ao mal. Jesus gosta que nos cheguemos a Ele com todas as nossas fraquezas, transgressões e pecados, e lançar-nos arrependidos aos Seus pés. Ele põe Seu prazer em nos estreitar com os braços do Seu amor, pensar nossas feridas, purificar-nos de toda a impureza.

«Aqui é onde milhares de pecadores erram: não acreditam que Jesus os perdoe pessoalmente, individualmente. Não tomam a palavra de Deus à letra. É privilégio de todos os que aceitam as condições, saber positivamente que o perdão de todos os pecados lhes é gratuitamente concedido. Abandonai o pensamento de que as promessas de Deus não se refiram a vós. Elas são para todo o pecador arrependido... Ninguém é de tal maneira pecador que não possa encontrar força, pureza e justiça n'Aquele que por nós morreu». *Degraus da Vida Cristã*, pág. 47.

Que é que nos faz sentir culpados? Muitas vezes, pessoas têm vindo ter comigo, muito angustiadas por se sentirem culpadas, sem ao menos saberem a causa desse sentimento — simplesmente sentiam-se culpadas. Outros têm vindo para alongar-se em explicações sobre sintomas como o nervosismo, choro, temores e depressão, desejando saber o que é que os torna assim perturbados.

Analisando o problema, descobrimos que, muitas vezes, esses sintomas foram causados por um complexo de culpa. Em meus contactos com membros de igreja, estudantes e consulentes, tenho observado que esse sentimento de culpa provém de três factores: (1) Atitude errada para com Deus; (2) Atitude errada para com o próximo; (3) Atitude errada para com a pessoa que Deus deseja que sejamos. Daqui se tira que

a cura do complexo de culpa seria simplesmente: (1) Desenvolver o amor a Deus; (2) Desenvolver o amor ao próximo; (3) Desenvolver o amor pela parte superior de nós mesmos.

A atitude errada para com Deus revela-se na incredulidade e no resultante sentimento de insegurança. Descrever de Deus é tratá-Lo com desprezo, agindo como se n'Ele não pudéssemos confiar. Descrendo de Deus, procuraremos caminhar sòzinhos. Mas, abandonados a nós mesmos, certamente permaneceremos oprimos e sobrecarregados de culpa. Crer em Deus é confiar que Ele nos dará perdão e, então, agir de acordo com essa confiança.

A atitude errada para com as pessoas, mostra-se no egoísmo e na miséria consequente. Fomos criados para nos mostrarmos transbordantes de boa-vontade. Logo que essa boa-vontade deixe de transbordar de nós para outros, forma-se dentro de nós uma lagoa estagnada e pútrida e sentir-nos-emos tristemente culpados.

A atitude errada para com nós mesmos revela-se em frustração. Sejamos fiéis a nós mesmos. Nenhum de nós, é certo, escapa à tentação de proceder mal. Contudo, pessoa alguma alcançará felicidade duradoura a menos que se empenhe na luta entre os princípios e os desejos.

Na sua primeira carta à igreja de Corinto, Paulo escreveu: «Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar». (I Cor. 10:13). A libertação do sentimento de culpa virá quando, voluntariamente, renunciarmos a objectivos que almejamos por sabermos que há algo de melhor à nossa espera. Utilizemos as nossas armas contra as forças do mal, contra as tentações dos desejos desordenados e aceitemos travar a luta por Deus e pelo Seu reino.

A culpa, em nosso mundo, cabe especialmente a pessoas que se recusam a tomar decisões, deixando-se levar pela lei do menor esforço. Os rios tornam-se sinuosos pela mesma razão. As

tentações são oportunidades e desafios para o crescimento. Elas podem construir ou destruir, dependendo da atitude de quem as enfrenta. Os mais fortes Cristãos são os que prosseguem sempre, unidos a Deus, contra todas as tentações do ódio, da auto-piedade, do desespero e da dúvida.

Quando chegou ao meu escritório um adolescente queixando-se de que não podia conciliar o sono por causa do tráfego intenso na rua defronte à sua janela, logo descobri que as suas isónias não eram originadas pelo barulho do tráfego. O mal estava sim em ele ter furtado a carteira de um amigo. Quando confessou a culpa e devolveu a carteira, conseguiu dormir como uma criança. Isto porque endireitar o mal e receber o perdão é o melhor antídoto contra o sentimento de culpa.

O caso desse rapaz serve para lembrar que o perdão humano às vezes é tão eficaz em acalmar uma consciência culpada como o é o perdão de Deus. A criança que tenha mentido aos pais pode confessar a Deus essa mentira mas, não obstante, continuará a sentir-se culpada até que o confesse também aos pais.

Por cinco anos certa secretária ocupou um cargo que alcançara por um acto desonesto. Outra jovem deveria receber aquele emprego mas não o obteve porque esta secretária destruiu alguma correspondência sobre o assunto. Ela ficou com um sentimento de culpa até que confessou o que fizera e recebeu o perdão da pessoa traída. E isto não obstante ter pedido muitas vezes perdão a Deus no decurso daqueles cinco anos. A fim de nos livrarmos do sentimento de culpa precisamos de reconhecer a nossa falta e buscar o perdão. O erro tem de ser corrigido. A sujidade tem de ser removida. Sabemos que temos um amigo, nosso Senhor e Criador, que conservará intacta a nossa relação com Ele, a despeito do nosso passado e das opiniões humanas.

Disse certa vez a sombra a um rapaz: «Que amigo há melhor do que eu? Oude quer que você vá eu o sigo. Quer faça sol, quer faça lua, jamais o abandono».

João Ferreira de Almeida

Tradutor da Bíblia em Português

Quando pegamos na nossa Bíblia, encontramos na primeira página, algumas palavras em que talvez não tenhamos reparado bem e que são: «Traduzida em português por João Ferreira de Almeida».

Desejo, pois, dar-vos algumas notas sobre este homem. A sua vida não é totalmente conhecida, mas eis alguns factos:

Parece que nasceu em 1628 em Portugal e em 1642 (isto é aos 14 anos) foi de Batávia para Malaca (cidades lá para o Oriente não muito longe de Goa). Então alguém lhe entregou um folheto que se chamava «Diferença da Cristandade». Ali eram apresentados os pontos em que a Igreja católica se afastava da Bíblia. Ele leu com interesse, acreditou e converteu-se. Chegado àquela cidade de Malaca que pertencia nessa altura aos holandeses, ele encontrou alguns portugueses e nessa cidade se realizavam cultos evangélicos em língua portuguesa. O seu primeiro trabalho nessa igreja, depois do seu baptismo, foi o de visitador de doentes, o que fazia com grande espírito cristão. Logo também teve desejo de dar aos portugueses o conhecimento da Bíblia e começou a traduzir aos 16 anos os actos dos Apóstolos e os evangelhos. Como não tinha outra possibilidade foi essa tradução copiada à mão e enviadas cópias a muitos portugueses em várias partes do Oriente. No ano seguinte ele conseguiu acabar de traduzir o Novo Testamento. Calculamos a

alegria deste jovem quando tendo o Novo Testamento traduzido, o podia dar aos da sua própria raça a língua.

Continuou a trabalhar, tendo sido Pastor em várias cidades do oriente onde havia grupos de portugueses. Finalmente ele foi enviado para a cidade de Batávia onde havia uma grande Igreja. Tendo acabado de traduzir o Novo Testamento, começou então o trabalho de tradução do Velho Testamento. Ao mesmo tempo traduziu um catecismo, também o livro pelo qual conhecera a mensagem evangélica e outras publicações. Naquela cidade de Batávia, fundaram-se, mais tarde, duas Igrejas e escolas para os meninos aprender português e lições de Bíblia. Uma dessas igrejas chegou a ter mais de mil membros.

João Ferreira de Almeida aproveitava todas as ocasiões para falar de sua fé e assim lhe chamaram o «defensor da verdade». Algumas vezes, no seu zelo, entrou em discussão com alguns padres portugueses que passavam por aquelas terras. Essas discussões deram até origem a um livro seu.

Dentro em pouco havia Novos Testamentos impressos e o povo os recebia com a maior alegria.

Continuou, como disse, a traduzir o Velho Testamento mas, em 1691, quando morreu, tinha chegado somente a Jeremias 6. Outro prègador continuou a sua obra, mas toda a Bíblia ficou sendo conhecida como tradução de João Ferreira de Almeida.

Alguns anos depois da sua morte as Biblias completas começaram a ser publicadas, e dentro em breve começaram a chegar a Portugal.

Hoje, milhares e milhares de volumes são vendidos anualmente. No entanto este bravo jovem e Pastor é quase desconhecido dos portugueses. Bem cedo ele começou o seu trabalho a até ao fim de sua vida sempre desejou servir ao Senhor fielmente.

«É verdade», disse o rapaz. «Você acompanha-me à luz do sol e da lua. Mas onde está você quando nem o sol nem a lua resplandecem?»

Disse Jesus: «Eis que Eu estou convosco até à consumação dos séculos». A amizade de Deus não pode ser solapada. Ele permanece fiel sempre. N'Ele podemos encontrar o alívio para toda a culpa.

Quanto Devemos Dar?

Quando Deus dirigiu Israel, o seu povo, na antiguidade, pediu-lhe que des-se para a causa, na medida em que prosperassem os seus negócios. O Senhor disse ao Seu povo, mui especificamente que não comparecesse na Sua presença com as mãos vazias. Com solenes palavras assim doutrinou:

«Cada qual, conforme ao dom da sua mão, conforme à bênção que o Senhor teu Deus te tiver dado.» (Deut. 6: 17).

E lemos, então, com admiração que as ofertas requisitadas, durante a dispensação levítica subiam a mais de vinte e cinco por cento dos rendimentos do povo.

Raciocinando à maneira humana haveria de concluir-se que tais obrigações eclesiásticas reduziriam, dentro de pouco tempo, à pobreza, os doadores. Contudo, tal não aconteceu, pois a Bíblia ensina-nos, claramente, que a prosperidade de Israel variou, na proporção da fidelidade do povo para com estas determinações divinas.

Muitos Adventistas do Sétimo Dia estão hoje, conscienciosamente, seguindo, a prática de darem um segundo dízimo ou mais, como louvável prática de oferta de sua livre vontade, e estão, também, sistematicamente pondo de parte, certas somas para a oferta semanal da Escola Sabatina. Alguns outros dos nossos membros seguem o plano de dar três por cento dos seus rendimentos para a oferta da Escola Sabatina. Tal prática está de harmonia com a sugestão apresentada pelo Departamento da Escola Sabatina e desejo encorajar todos os nossos prezados Irmãos e Irmãs a seguirem-na com entusiasmo e fidelidade.

Cada vez que debaixo dos nossos olhos apareça este nome, ao abrirmos a nossa Bíblia, lembremos o seu trabalho e sigamos o seu exemplo.

J. A. Morgado

É um facto bem conhecido que o povo de Deus está invulgarmente próspero nestes nossos dias, e que também o dinheiro está perdendo rapidamente, o seu valor. Por toda a parte a inflação está fazendo duras incursões na economia, reduzindo-se, assim, o valor da moeda.

Hoje, o dinheiro, vale menos do que há anos atrás, e o seu valor continua a diminuir.

Embora as ofertas para a nossa Escola Sabatina tenham seguido um padrão constante de aumento, nota-se, porém, que não têm estado de acordo com o aumento dos nossos ganhos. Os nossos dízimos têm aumentado pela graça de Deus, firmemente, nos últimos anos, mas este aumento evidente não tem sido seguido proporcionalmente pelas ofertas à Escola Sabatina.

Quando o Departamento da Escola Sabatina sugere, hoje, que cada um de nós dê três por cento dos ganhos a favor da grandiosa obra das missões, apresenta-nos uma excelente oportunidade para fazermos, realmente, algo de digno para Deus. O Senhor tem-nos concedido, liberalmente, os Seus dons. Tem-nos enchido com as Suas bênçãos; cabe-nos, agora, a nós manifestar-Lhe a nossa profunda gratidão, abrindo, generosamente, as nossas mãos a favor dos que ainda se encontram nas trevas.

Nos anos passados, muitos dos nossos fiéis membros da Escola Sabatina têm sido bastante generosos, contribuindo para o trabalho missionário, efectuado pela nossa Divisão. Como resultado deste contributo e de outras dádivas dos nossos membros, muitas preciosas almas têm sido ganhas para a Igreja de Deus.

Cumpre-nos manifestar a nossa gratidão pelo facto do nosso trabalho estar expandindo o Evangelho em muitos países e línguas. Isto significa que temos necessidade de novos e de maiores re-

Continua na pág. 14

NOTÍCIAS

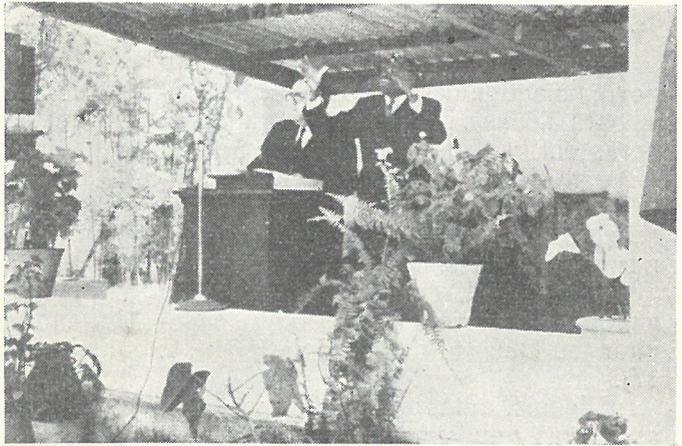
BONGO

Reuniões de Reavivamento Espiritual

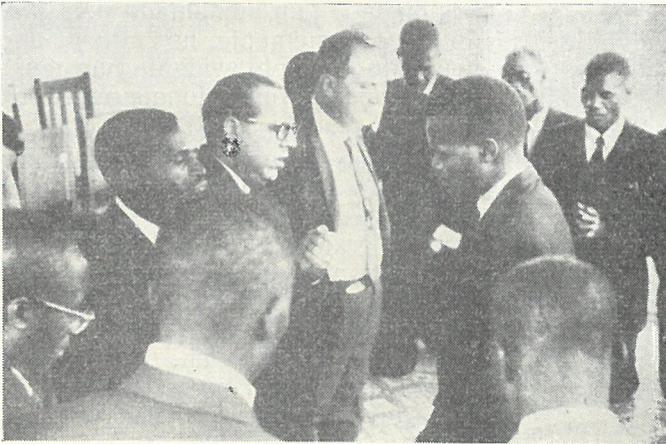
«Prepara-te... para te encontrares com o teu Deus». Amós 4:12.

Este foi o lema das Reuniões de Reavivamento Espiritual que tiveram lugar na Missão do Bongo de 3 a 5 de Setembro.

Tempo abençoado, durante o qual maravilhosas mensagens do grande amor do nosso Deus vieram fortalecer-nos; comovedoras experiências vieram confirmar-nos no propósito de sermos fiéis até à vinda de Jesus;



O Pastor Samuel Sequeira traduz o sermão do Pastor A. Casaca



A Oração de Consagração

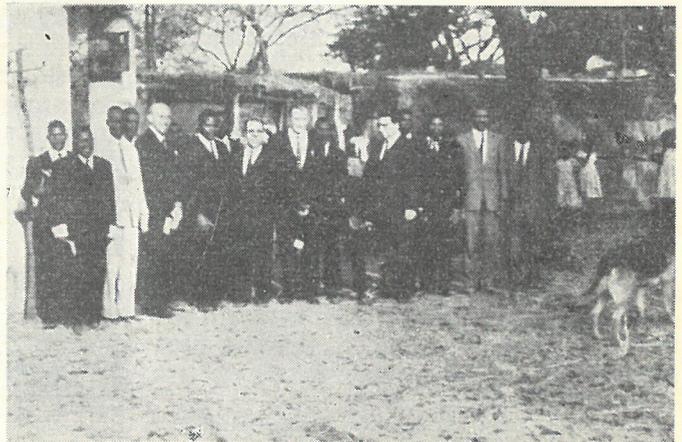
fervorosos apelos vieram despertar-nos para uma mais íntima comunhão com o nosso Salvador; fêrvidas orações de corações sinceros, gratos e repletos de amor, vieram elevar-nos a uma atmosfera de humildade, e todos os que tivemos o privilégio de assistir a estas Reuniões de Reavivamento Espiritual nos sentimos restaurados e mais animados para novo período de trabalho.

Na noite de sexta-feira, dia 3, realizou-se a primeira reunião e tivemos o prazer de ouvir o Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, Pastor A. Casaca, que nos trouxe uma bela mensagem. Muitas pessoas se encontravam no re-

cinto, que ficou quase lotado.

As nove horas da manhã de Sábado, dia 4, num ambiente de gozo cristão, iniciou-se a Escola Sabatina, dirigida pelo irmão António A. Maurício, que trabalhou em Moçambique e agora se acha trabalhando na Seara do Mestre nesta ridente Angola. Muitos, muitos crentes, alguns dos quais vindos de bem longe, enchiam o recinto.

A esta reunião estiveram presentes alguns dos nossos irmãos que assistiram à primeira Escola Sabatina realizada no Bongo, e que assim deram testemunho da sua fidelidade ao Senhor e do seu desejo de continuarem preparando-se para o encontro



Pastores que participaram na consagração do Ir. Isaque Tadeu

DO CAMPO



Fim da Cerimónia Baptismal

com o seu Deus quando Ele em breve vier.

Seguiu-se o Culto Solene, cujo sermão foi apresentado pelo Pastor A. Casaca, e o poder do Divino Espírito manifestou-se entre os ouvintes porque, ao apelo feito, almas vieram à frente da tribuna e deram público testemunho de terem reconhecido o Senhor Jesus como seu Salvador, dedicando-se-Lhe. O recinto estava repleto, e fora havia também bastante gente, especialmente mães com os seus filhinhos irrequietos. Mas, mesmo estes que estavam fora, ouviam as mensagens, porque um serviço de altifalantes, lhes proporcionava esse privilégio.

De tarde, numa solene cerimónia, foi ordenado ao Minis-



O Coro do Instituto



Grupo de membros e amigos que assistiram às reuniões de reavivamento em Sá da Bandeira

tério o Irmão Isaque Diamantino Tadeu. O sermão de consagração esteve a cargo do Presidente interino da nossa União, Pastor Jewell. A oração foi oferecida pelo Pastor Casaca, e o Dr. Roy B. Parsons dirigiu ao novo Pastor as palavras de Investidura. Apresentou-lhe as boas-vindas o Director dos Campos Missionários de Nova Lisboa e Bongo, Pastor Morgado. No final da cerimónia de consagração o Pastor Isaque Tadeu foi muito cumprimentado. Daqui lhe renovamos os nossos mais sinceros votos de bênçãos divinas, e que seja sempre uma coluna forte na nossa Igreja.

Nesse mesmo dia de Sábado, à noite, houve projecções a

documentar um estudo Bíblico.

O domingo amanheceu alegre e, às seis horas da manhã, a maior parte das quatro mil pessoas que assistiram ao culto solene de Sábado tomaram parte na Devocção Matinal, a cargo do Pastor P. B. de Freitas. Seguiu-se um estudo bíblico pelo Dr. David Parsons e um sermão pelo Pastor Casaca.

De tarde teve lugar uma cerimónia baptismal em que sepultaram nas águas do baptismo «o velho homem que se corrompe pelas concupiscências do engano», para resurgirem «pela fé no poder de Deus» para andarem «em novidade de vida».

Continua na página 14

Página da Juventude



Ninguém Tem Maior Amor do que Este...

Na Jugoslávia, durante a última grande guerra, havia uma zona não ocupada. Ficava além de Zagrebe, nas Montanhas Negras. Nessa zona, com cerca de 120 quilómetros de extensão, viviam em Agosto de 1944, 200 guerrilheiros, 300 crianças jugoslavas (evacuadas das cidades) e 500 judeus que, de todas as partes da Europa, para ali tinham fugido.

Através de um oficial Jugoslavo que conseguiu fugir para os Estados Unidos, soube-se da existência daquela zona não ocupada e da presença dos refugiados, muito especialmente das crianças que viviam na pequenina cidade termal de Tobuco.

Em colaboração com a Cruz Vermelha resolveu-se, depois do desembarque na Sicília, numa noite de Agosto de 1944, voar para Tobuco em cinco «Constellations», a fim de levar as crianças para lugar seguro.

O aeroporto de Tobuco era muito inadequado e sem iluminação. Para a aterrizagem dos aviões à noite iluminava-se a pista com os faróis de um velho táxi, de um «Jeep», de um tractor e de um automóvel velho e desmantelado. Pelas onze e meia da noite che-

garam os cinco aviões que vinham buscar as crianças. Cada avião deveria transportar 60 crianças.

Os guerrilheiros alegraram-se com a chegada dos americanos mas lamentaram-se pelo facto das crianças já não se encontrarem em Tobuco. Como esperassem a todo o momento a chegada dos alemães em retirada da Albânia e da Grécia, tinham resolvido mandar as crianças mais para o interior da zona não ocupada. Os americanos ficaram decepcionados e disseram que poderiam esperar no máximo hora e meia, pois tinham de sobrevoar a Itália antes de amanhecer. Havia também a considerar o aspecto técnico: a pista era pequena demais para aqueles aparelhos enormes. Os motores não podiam ser desligados, teriam de ficar a trabalhar e, nessas circunstâncias, o combustível tinham um prazo muito limitado. Em todo o caso, resolveu-se mandar buscar, pelo menos, 30 crianças, com os poucos veículos ali disponíveis. Assim partiram a toda a velocidade o velho automóvel, o táxi, o «Jeep» e o tractor, dirigindo-se para a localidade onde se achavam as crianças, a 50 ou 60 quilómetros dali.

Continua na página 13

Perigos das bebidas alcoólicas



UMA HISTÓRIA VERÍDICA

Os males provocados pelo uso de bebidas alcoólicas são inumeráveis. Está visto que um dos factores mais relevantes na pobreza do africano é o consumo de bebidas fermentadas. Muitos oferecem-se como trabalhadores para a Gabela e outras terras distantes a fim de melhorarem as suas condições de vida mas, incapazes de vencer o vício tudo o que recebem gostam em vinho, álcool puro ou desnaturado, «kachicolototo», «kumbira», «chinguli» e em muitas outras bebidas que estão sendo rapidamente inventadas para o prejuízo e morte daqueles que se «demoram perto do vinho, para os que buscam a bebida misturada». A todos que se inclinam para essas bebidas, a Palavra de Deus dá o seguinte conselho: «Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo, e quando se escoia suavemente». (Provérbios 25:31).

Vou contar-vos uma história verdadeira e recente. Um casal vivia feliz e despreocupado. Não eram ricos mas tinham o suficiente para viver. Tudo parecia correr bem até aquele dia fatídico em que uns amigos bateram à porta e convidaram o homem a sair com eles. Ah, as más companhias!

O grupo dirigiu-se para uma taberna onde passaram a tarde em alegre confraternização. Já noite o marido voltou para casa mas não parecia o mesmo. Vinha a cambalear e a proferir palavras! Sentou-se à mesa e a mulher, temerosa e triste, serviu-lhe a refeição habi-

tual: pirão com feijão. Ao ver a comida, o homem viu-se tomado por violenta cólera. Por que razão sua mulher não lhe preparara uma galinha? Não era ele um homem que merecesse comer galinha? Para que serviam as galinhas que eles tinham?

Antes que sua esposa pudesse dizer algo ele ameaçou: «Já que não me respeitas e não me preparaste uma galinha, hoje vais ver quem sou eu.»

Na sua loucura de ébrio, o homem levanta-se a cambalear, pega na caixa de fósforos e, acendendo um, lançou fogo ao capim seco da sua própria casa. Rápidamente as chamas lamberam o colmo escurecido pela fumaça e, dentro de minutos, a tragédia tinham-se consumado. Tinham ardidado 20 arrobas de milho, 10 arrobas de feijão, as roupas e objectos pessoais e tinham morrido queimadas 25 galinhas. Toda a sua riqueza, tudo o que possuíam em bens materiais desaparecera em holocausto no altar do deus Baco!

Os habitantes da aldeia ainda quiseram acudir mas tudo se processara tão velozmente que nada mais puderam fazer do que salvar as pessoas que estavam dentro de casa.

Na manhã seguinte, depois da curtidura a bebedeira, o desgraçado homem acordou e, muito admirado, perguntou quem deitara fogo à sua casa. Responderam-lhe que ele próprio o fizera, debaixo da influência do vinho. Triste e desanimado, sem poder fazer face às

Continua na página 13

Histórias Africanas



Continuação do número anterior

A experiência de Chionga

O ciciar da brisa na folhagem foi a única resposta que Chionga obteve porque Bimbi desaparecera silenciosamente por entre as luxuriantes espigas de milho.

Nessa noite, enquanto o seu marido ressonava, deitado numa esteira à beira do fogo, Chionga deslizou para fora da cubata e, em passos apressados, dirigiu-se à residência do feiticeiro, um pouco afastada da aldeia. Bateu à porta e, momentos depois, uma cabeça emergiu da palhota. Seguiu-se uma demorada troca de palavras. Finalmente, depois de receber os «honorários», o feiticeiro deu-lhe um dente de onça que ela deveria usar à volta do pulso esquerdo e uma mistela repugnante que ela deveria beber durante dois dias, para esconjurar os espíritos maus.

Cheia de esperança, Chionga correu para casa. Era uma noite serena e bela como só nos trópicos pode haver. A lua, qual outro sol, parecia aquecer a terra com os seus raios misteriosos que pareciam derramar beleza e sonho sobre a terra. As palmeiras, os coqueiros e as mulembas mal buliam na calma placidez daquela noite de encanto. Chionga não via nada disto. Ofegante entrou em casa e, com o coração a transbordar de alegria, gastou a noite sonhando acordada com um futuro mais ridente, mais justo, mais promissor.

Passaram-se os dias, os meses, os anos. Sucederam-se as consultas ao feiticeiro. Todos os exorcismos resultavam inúteis. A razão de Chionga foi reduzida porque, no dizer do marido, ela não merecia o alimento que comia.

As suas tarefas na lavra foram aumentadas porque, como ela não carregava nenhum filho às costas, andava mais leve e podia trabalhar mais do que as outras.

Pobre Chionga! As privações, os desgostos e os vexames fizeram dela um ser miserável, triste e escanzelado. Os ossos pareciam querer furar aquela pele que outrora fora lustrosa e negra mas que agora era parda e baça.

Por fim, desiludida e desesperada, Chionga resolveu tomar uma decisão muito séria. Sim, era o único caminho que lhe restava. Fugiria da aldeia e iria procurar o médico-missionário branco que, pouco tempo antes, estabelecera um pequeno e primitivo hospital ali perto. Era verdade que o feiticeiro já avisara todos dos «perigos» que isso representava mas, para ela, tudo era preferível aquela situação de vexame e opróbrio.

Chionga sentiu-se fraquejar quando subiu os degraus de cimento do hospital. O cheiro dos remédios e o ambiente estranho amedrontavam-na. Ainda pensou em fugir mas, nesse momento, apareceu o médico, de bata branca, sorrindo. Comprimentou-a e mandou-a sentar numa cadeira. As suas maneiras a sua voz amável e quente fizeram com que Chionga perdesse todo o receio. Depois de uma longa introdução, à moda africana, Chionga abriu o seu coração e contou toda a sua tristeza e sofrimento.

O médico, compadecido chamou a enfermeira e procedeu a um exame

Continua página 14

Dinguém tem maior amor do que este . . .

Continuação da pág. 8

O problema que se levantava agora era: Que fazer com os outros 270 lugares? O chefe dos guerrilheiros sugeriu que eles fossem preenchidos pelos Judeus. Mas como, se os lugares eram 270 e havia ali 500 Judeus que tinham sobrevivido a tudo e que, agora, viam a sua derradeira oportunidade de salvação?

Adoptou-se uma solução terrível: lançar sortes. E o que aconteceu na hora seguinte foi indescritível.

Estava ali, por exemplo, um alemão juiz de direito de Berlim, cuja esposa era judia. Por amor da esposa, ele abandonara a Alemanha. Foram lançadas as sortes. A ele coube um «Não» e a ela um «Sim». Estaria ela resolvida a entrar no avião, abandonando o marido? Via-se ali também um par de namorados, que se negava a tirar as sortes, temendo a separação. Convenceram-nos de que esse não era um amor genuíno. Ambos tiraram as sortes, cabendo-lhes «Não». Quando, uma hora depois, os lugares estavam ocupados, faltavam dois passageiros: ambos haviam sido favorecidos pela sorte mas, com medo de que o outro tivesse perdido, mentiram. Como fosse noite de sexta-feira, havia judeus que não queriam voar para não profanar o Sábado. Viam-se pessoas que queriam comprar dos mais pobres os lugares que lhes couberam pelo sorteio. Ali estava uma senhora que não queria separar-se do seu cãozinho!

Por fim estavam acomodadas 270 pessoas e faltavam ainda as trinta crianças que não tinham chegado ainda. Esperou-se mais uns momentos e, então, o chefe dos guerrilheiros deu ordem para que também os 30 lugares reservados para as crianças fossem ocupados por judeus. Como não havia tem-

po para se lançarem sortes, deu-se liberdade a todos. Os lugares foram tomados de assalto. Para obter um lugar lutavam, pisavam-se feriam-se, espancavam-se, quase se matavam.

Quando todos os lugares estavam ocupados e as hélices giravam já mais rápidas, os motores roncavam a toda a força e os aviões dispunham-se a largar, eis que apareceram as crianças — não as 30 mas todas as 300! Os motoristas tiveram a ideia de atrelar carroças de feno aos velhos veículos e, assim, conseguiram conduzir a Tobuco todas as crianças.

Nem os guerrilheiros nem os americanos ousavam ordenar que os judeus abandonassem os aviões. Por longos minutos contemplaram-se mutuamente: as crianças junto à grade do aeroporto e os Judeus através das janelas dos aviões. Entreolhavam-se . . . e então aconteceu que uma senhora judia, já de idade, se ergueu da sua cadeira no avião, desceu, transpôs a pista, tomou pela mão uma das crianças e levou-a para o lugar que estivera ocupando. E todos os outros 299 passageiros se levantaram e ofereceram os seus lugares às crianças.

Naquela mesma noite os pequenos chegaram sãos e salvos Beri.

«Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos». (João 15:13).

Werner Wollenberger

Continuação da pág. 11

necessidades do lar, foi-se oferecer para trabalhar nas roças de café da Gabela.

Prezados amigos e irmãos, esta tragédia é uma entre milhares que se desenrolam todos os dias à nossa volta. Façamos guerra ao álcool e vivamos de acordo com a nossa elevada profissão de fé.

Isaque Tadeu

NOTÍCIAS DO CAMPO

Continuação das páginas centrais

O sermão que antecedeu o baptismo foi feito pelo Pastor Morgado.

E, alegres, com o espírito refrescado e alimentado pela Palavra de Deus, embora desejosos de que aqueles dias felizes se prolongassem, despedimo-nos dos nossos irmãos, que voltaram para suas casas animados e dispostos a continuarem, como nós, a preparação para um encontro breve e feliz com Jesus.

Apraz-nos recordar que muitas visitas estiveram presentes às nossas reuniões, e sabemos que os estudos bíblicos, os sermões, os hinos de louvor, as orações fervorosas, os testemunhos daqueles que se baptizaram e daqueles que se dedicaram, foram outros tantos meios de Deus mostrar aos corações frios ou indecisos o Seu amor.

Desejamos que as sementes aqui lançadas em todos os corações possam germinar e produzir messes abundantes de almas que sejam colhidas para o reino do Senhor Jesus.

Com cordiais saudações, do Vosso irmão em Jesus Cristo.

O. Albuquerque

Igreja de Sá da Bandeira

Realizaram-se este ano duas séries de reuniões de Reavivamento Espiritual na Igreja de Sá da Bandeira!

A primeira, que devia ter sido realizada antes do fim de 1964, só se efectuou em Março do corrente ano quando da inauguração da primeira fase da construção do nosso Templo. Honraram-nos com a sua visita os irmãos Ernesto Ferreira, Presidente da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia e J. E. Rodrigues, director da Missão do Bongo, acompanhados de suas Esposas e Filhos.

A segunda série de reuniões realizou-se em fins de Agosto com a presença dos irmãos Armando J. S. Casaca, Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia e Joaquim A. Morgado, director dos Campos Missionários do Bongo e Nova Lisboa. Todos nós rejubilamos com a presença destes irmãos e, muito particularmente, com a vinda do Pastor Casaca que nos trouxe interessantes experiências de conversões maravilhosas de almas vindas de outras confissões religiosas. Vemos assim o cumprimento do brado apocalíptico que nos diz: «Sai dela povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas» Apocalipse 18:4.

Sem dúvida estas reuniões são uma bênção para as igrejas e, sobretudo, muito contribuem para o reavivamento dos irmãos e amigos que nos visitam nestas ocasiões de cultura do espírito. Estamos certos de que o Senhor irá abreviar a Sua obra num curto espaço de tempo, tanto mais que vemos nitidamente o cumprimento dos sinais profetizados nos evangelhos. O pouco tempo que nos resta deve ser utilizado na nossa preparação individual e em empreendimentos tendentes a alargar a causa de Deus na Terra.

Agradecemos uma vez mais aos delegados que vieram até nós o calor e o entusiasmo que nos comunicaram e pedimos a Deus que os abençoe nas suas actividades nos seus respectivos campos de trabalho.

Ao terminar estas breves linhas rogamos ao Senhor que derrame sobre todos nós as Suas copiosas bênçãos e que vejamos ainda maiores vitórias no futuro.

Vosso no Senhor,

A. J. Rodrigues

Quanto devemos dar?

Continuação da pág. 7

cursos para podermos manter e continuar a alargar o nosso trabalho missionário. O fardo está aos nossos ombros e não podemos desfalecer neste momento crucial da história do mundo! Por enquanto, o dinheiro ainda é abundante e valioso, e temos oportunidade de contribuir com três por cento dos nossos lucros, sistematicamente, todas as semanas para a Escola Sabatina, «conforme o Senhor nos tem prosperado».

Deste modo nós contribuiremos, efectivamente para a expansão do trabalho missionário, e ainda para que muito em breve a Obra possa ser terminada, e então, poderemos «estar para sempre com o Senhor».

B. J. Kohler

Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia

A experiência de Chionga

Continuação da pág. 12

completo. No fim, soltando um suspiro de alívio disse que o problema não era grave mas requeria uma pequena intervenção cirúrgica. Chionga acedeu, entre temerosa e feliz.

A operação correu normalmente e, dias depois, Chionga voltou para a aldeia, disposta a enfrentar a cólera geral. Esta não se fez esperar. Chionga foi espancada e insultada e o feiticeiro profetizou desgraças mil sobre ela.

Alguns meses depois tudo mudara. Com uma bela criança às costas, Chionga já não parecia a mesma. O marido sorria feliz e as mulheres da aldeia vinham conversar com ela.

Esta história verdadeira foi o início do trabalho médico do Dr. E. G. Marcus na África Oriental e o declinar da influência do feiticeiro.

J. E. R.

Tudo começou num alfarrabista em Xangai, China, em 1927, quando comprei um pequeno livro intitulado «Livro de Cheques do Banco da Fé», por H. G. Spurgeon. O seu preço equivalia a uns 2\$50. Penso que foi a melhor compra por 2\$50 que jamais fiz, porque foi para mim o início de uma experiência muito preciosa.

à minha alma! É maravilhoso falar com Deus antes de falar com as outras pessoas. É doce olhar para a face de Deus antes de olhar para a face dos meus amigos.

E que tesouros achei espalhados por todo o precioso Livro. Começo a compreender o sentido da afirmação de João Wycliffe quando viu a Bíblia encadeada ao púlpito e exclamou: «Se eu pudesse possuir um desses Livros, não desejaria nenhum outro tesouro terrestre». Já li a Bíblia desde o Génesis ao Apocalipse umas trinta e sete vezes, e cada ano que

Um incidente na minha vida

Comecei a ler os 750 textos da Escritura, e os comentários de Spurgeon sobre esses textos. Quantas vezes exclamei: «Como é possível que eu nunca tivesse visto tão bela

lição espiritual neste texto da Escritura?» Ali estava eu, ministro ordenado, missionário Adventista do Sétimo Dia havia já quatro anos, e todavia nunca tinha notado aquelas pérolas que Spurgeon descobrira. Comecei assim a examinar os meus métodos de estudo da Bíblia. Em breve começou o novo ano, e no dia de Ano Novo de 1928 passei o dia a sós com Deus num período muito especial de exame próprio.

E então fui levado a considerar quanto tempo gastava em alimentar o meu corpo cada dia. Quantos minutos para o pequeno almoço, quantos minutos para o almoço, e quantos minutos para o jantar — e todos esses minutos eu somei. Comecei depois a examinar quantos minutos gastava a alimentar a minha alma. Veio-me como uma revelação surpreendente que gastava muito mais tempo e dinheiro com o meu corpo do que com a minha alma.

E logo fui levado a fazer esta resolução de Ano Novo: Nunca mais, manhã alguma eu darei de comer ao meu corpo sem que antes tenha dado de comer à minha alma.

Tenho cumprido essa resolução de Ano Novo durante mais de vinte e nove anos. Durante estes anos ela tem-me trazido uma nova experiência, uma vida de paz, uma vida de poder, uma vida de bênçãos. E tornou-se um hábito — quando me levanto, os meus primeiros pensamentos vão para o Livro, e pego nele. Que grande gozo, passar aquele precioso período da manhã ouvindo a voz de Deus a falar

Por

Adlai A. Esteb

mou: «Se eu pudesse possuir um desses Livros, não desejaria nenhum outro tesouro terrestre». Já li a Bíblia desde o Génesis ao Apocalipse umas trinta e sete vezes, e cada ano que

passa ela torna-se mais doce. É ela o meu maior tesouro.

A Bíblia é o maná matutino para a minha alma. Cada manhã eu apanho o precioso maná enquanto está fresco e doce. Sinto-me como se estivesse comendo a comida dos anjos. «Aquele que abre as Escrituras, e se alimenta com o maná celeste, torna-se participante da natureza divina». — E. G. White, em *The Review and Herald*, 28 de Junho de 1892. Na verdade a Bíblia é o maná matutino, e é «mais doce do que favos de mel».

A Bíblia tornou-se um novo livro para mim desde aquele memorável dia no alfarrabista de Xangai. Anos mais tarde o director da Sociedade Bíblica Americana em Pequim, China, ao olhar para a minha Bíblia pediu-me para a deixar colocar na sua montra como modelo de uma Bíblia bem anotada.

Uma compra de 2\$50 num alfarrabista de Xangai deu-me o início de uma viagem pela casa do tesouro da Palavra de Deus. E desde aquele investimento de 2\$50 tornei-me espiritualmente um multimilionário com pérolas colhidas no precioso Livro.

Visado pela Censura

Rocha Alta

Leva-me para a Rocha que é mais alta,
Que é mais alta do que eu!
Vivo na planície, e sinto falta
De uma Rocha muito alta,
Que me eleve até ao Céu!
Pois que tens sido o meu Refúgio, Torre Forte,
Dá que eu sinta, num transporte
De alegria, de certeza e segurança,
Que minh'alma já descansa
Bem firmada,
Sossegada,
Nessa Rocha que é bendita
E é tão alta
Que à alma aflita
Que se acolhe ao Seu abrigo,
Não assalta
Nenhum mal!
Ah, Senhor! Leva-me, eu Te peço,
Ao recesso
Dessa rocha que é mais alta,
Muito mais do que eu!
Leva-me, que sinto falta
De uma Rocha que é mais alta,
Muito mais, do que este fraco servo Teu!

Ben Issacar